

Emprego O exemplo das reformas na Suécia

Mudar a legislação laboral não vai diminuir o número de pessoas desempregadas

Foi ministro do Emprego de um governo de centro-direita na Suécia, quando o desemprego começou a subir em 2006. A sua política não foi a seguida pelo Governo Passos Coelho

Entrevista

João Ramos de Almeida (texto)
Rita Chantre (fotografia)

● Para um país que “vive para trabalhar”, a Suécia não tem tido vida fácil. Nos anos 90, a crise fez a taxa de desemprego triplicar em três anos, dos 3,1% para 9,4%. A economia recuperou, o desemprego desceu. Mas em 2000 o problema regressou. Em 2006, o novo Governo introduziu reformas. E fê-lo sem mudar as leis laborais, como pretendiam as empresas. Valorizou o trabalho, facilitou o emprego e dinamizou os serviços de emprego.

Sven Otto Littorin (n. 1966), economista, ex-secretário-geral do Partido Moderado (centro-direita), foi ministro do Emprego de 2006 a 2010. E veio a Portugal, para uma conferência organizada pela APDC, onde o PÚBLICO o encontrou.

Por que introduziu reformas em 2006?

Na realidade, tudo começou na crise dos anos 90. Foi uma crise em tudo similar à de agora. Uma bolha imobiliária que se tornou numa recessão. O Governo dessa altura tomou bem conta da situação. Limpou o Orçamento, mas cometeu um grande erro: tínhamos meio milhão de pessoas que deixaram o mercado de trabalho e que não conseguiam voltar a trabalhar. A economia cresceu, mas não se criaram postos de trabalho.

Desde quando?

Por volta de 1998/99. Em 2006, verificámos que um em cada cinco suecos tinham sido excluídos. Não só desempregados. Também os que estavam em programas de emprego, com pensões, a trabalhar menos do que gostariam. Era um problema enorme. Pelo seu custo, mas também pela perda de rendimento, se estivessem a trabalhar e a contribuir. E, mais importante, tinham um custo ético, porque uma larga parte da sociedade não estava incluída. Estava de fora, sentia que não fazia parte e que não tinha oportunidades. O sistema era de tal ordem que, estando a receber pensão, não se podiam registar como desempregados e procurar emprego. A totalidade do risco era colocado nas pessoas. Se tentavam encontrar um emprego, tinham de sair do sistema de pensões. Era um risco enorme, para quem estivesse há sete ou oito anos à espera. Devíamos ajudá-las, em vez de sabotar as suas vidas.

O que fizeram?



Após as eleições de 2006, usámos o chicote e a cenoura. Através de cortes de impostos para os detentores de rendimentos médios e mudando o sistema de protecção. Aumentámos as contribuições sociais. Reduzimos pagamentos sociais em escalas diferenciadas. Os primeiros 200 dias eram 80% do pagamento anterior. E de 70% para 100 dias seguintes e de 65% acima disso. Mas, ao diminuir os pagamentos, aumentámos os programas de apoio ao mercado de trabalho. Esse foi o *mix* encontrado. Em 2008 ficámos muito contentes, porque tivemos a mais elevada taxa de criação de empregos em toda a zona OCDE.

E a taxa de desemprego era?...
Penso que era de 6,2%.

Mas com a economia a crescer?
Sim. Estávamos com uma taxa de crescimento da economia de 3% a 3,5%, o que era, para a Suécia, bastante bom. E três semanas depois... *Bang!* O fecho do Lehman Brothers. Perdemos num ano 30% das nossas exportações. Foi muito mau. Mas recuperámos rapidamente e acho que isso teve a ver com as reformas que fizemos. Mesmo agora estamos a diminuir o desemprego e com

“

Mudar a lei laboral não vai diminuir o desemprego.

Poderá mudar a sua distribuição. Os empregadores dizem que tem de ser mais fácil despedir. Mas nós, no Governo, dissemos que o que tem de ser mais fácil é contratar

Sven Otto Littorin,
economista, ex-ministro
sueco do Emprego

”

crescimento económico, o que é verdadeiramente único.

E não mudou a lei laboral?

Não. As pessoas pensavam que nós íamos fazer isso: desequilibrar a relação entre os parceiros sociais. Mas quando olhámos para a lei, o modelo sueco até funcionava bem. Tínhamos muito poucas greves. E o Governo optou por se manter fora dessas negociações.

Isso foi positivo?

Sim. Porque é um processo de negociação entre parceiros. Sabem que se o acordo fixar salários demasiado elevados, isso custará empregos. Se forem demasiado baixos, custará um bom relacionamento. O que dissemos foi: mudar a lei não diminui o desemprego. Poderá mudar é a sua distribuição. Os empregadores dizem que tem de ser mais fácil despedir. Mas nós, no Governo, dissemos que o que tem de ser mais fácil é contratar e não despedir.

Mesmo sendo os mais velhos?

Ainda pior! Por várias razões. Primeiro, se os mais velhos são despedidos, é extremamente difícil que voltem ao mercado, ou seja, os contribuintes vão pagar a mais pessoas que não estão a contribuir. É uma política estúpida. Pode ser boa para os empregadores, mas não para a economia. A segunda razão era – e ouvimos isso durante a crise: vamos despedir os mais velhos, para os jovens entrarem. Esse seria um dos piores erros. A experiência mostra que os países com muitos empregados mais velhos também têm muitos jovens. Eles não são competidores, não são substitutos: complementam-se.

Porque ensinam os jovens?

Exacto. Talvez as pessoas de 60 anos não possam trabalhar com a sua anterior capacidade. Mas podem a 50%, desde que se mantenham um pouco mais no mercado de trabalho.

E a juventude não fica de fora?

Entra. Se olhar para o mercado de trabalho como um certo número de postos que os políticos podem gerir e se mantiverem os mais velhos no mercado, não só os retiram do sistema de protecção, como eles ficam com mais dinheiro para gastar. E isso aumenta as oportunidades dos mais jovens.

Mas segundo os serviços de emprego, o problema mantém-se. Há uma elevada taxa de desemprego entre os jovens.

O desemprego na juventude ainda é um problema. Em toda a Europa. O problema na Suécia é que a ligação entre escolas e o mercado é fraca. As pessoas que saem das escolas não têm nenhuma ideia. Não sabem por onde começar. Não têm contactos, não têm experiência. E o que nós fizemos, há 40 anos, foi algo um pouco estúpido: acabámos com o ensino vocacional. E é estúpido, porque era uma forma dos mais jovens entrarem no mercado, através de estágios. A boa notícia é que os sindicatos já acordaram com as empresas aumentar a formação vocacional e o número de estágios. É um exemplo de responsabilidade

dos parceiros sociais. Penso que para um governo do centro-direita possa parecer estranho, mas fui abençoado por haver uma elevada taxa de sindicalização na Suécia.

A sério? Porquê?

Porque, do meu ponto de vista, torna-os muito menos militantes e muito mais envolvidos e a tentar encontrar soluções. E isso, nos tempos actuais, é extremamente bom. As pessoas sentam-se, negociam, chegam a um acordo e trabalham para o aplicar. Por isso, o número de greves na Suécia é mínimo, quase nulo. Não quer dizer que tudo seja bom, mas significa que, na maior parte dos casos, encontraram uma maneira de lidar com as diferenças, sem os políticos.

Faria uma política contra os sindicatos?

Não, não vale a pena. Sejam honestos: ambos os lados me odiaram: não mudámos a lei laboral como os empregadores queriam e cortámos nos subsídios. Mas tudo bem. A minha principal preocupação não era com as pessoas que estavam no mercado de trabalho, que tinham representantes, mas sim com os que não tinham qualquer tipo de representação. Esse era um assunto para lidarem entre eles, enquanto nos cabia a nós tratar dos outros.

Ouvindo-o, até parece que os sindicatos gostariam de si...

Sim e não. Não há outra área da política que seja mais altamente sujeita a confrontos. Em parte, é da natureza das coisas. Os empregadores querem pagar menos e os empregados querem receber mais. O importante é encontrar o ponto de equilíbrio em que todos possam viver com isso. Se tentar fazer alguma coisa, todos estarão contra si, porque todos receiam sair como perdedores. Os sindicatos na Suécia têm ligações com os partidos, da oposição. E isso aumentou a tensão. Tivemos alguns confrontos. Mas no princípio também não acreditavam em nós. Pensavam que queríamos fazer mudanças radicais. Mas nós repetimos, vezes sem conta, que esse não era o nosso objectivo: “Não vamos facilitar o despedimento, porque não é dessa forma que vemos o problema.” Finalmente, entenderam a mensagem.

Se estivesse em recessão, alteraria a lei laboral?

Mas entrámos em recessão em 2008. Basicamente, o que fizemos foi o seguinte: se esta não é uma crise duradoura, mas uma de curta duração, então faz sentido manter as pessoas o mais próximo possível do mercado de trabalho. O que fizemos foi aumentar dramaticamente todos os tipos de programas activos de emprego, o sistema regular de educação, reforçámos os centros de emprego para ajudar as pessoas a encontrar empregos. E ao mesmo tempo tivemos de manter o Orçamento em níveis razoáveis. E não tínhamos a noção se era uma crise de um ou de três anos. Claro é que a crise bateu assim [e bate com a mão na mesa]. E

“

Penso que para um governo de centro-direita possa ser estranho, mas fui abençoado por haver uma elevada taxa de sindicalização na Suécia. (...) Do meu ponto de vista torna-os menos militantes e mais envolvidos

”

passámos do fantástico ao horroroso em 30 dias. Foi tão rápido! E, quando se tenta introduzir medidas, leva seis meses. E em seis meses as pessoas estão zangadas, frustradas e decepcionadas. Acho que tivemos um razoável equilíbrio nas medidas. Também penso que o facto de a economia sueca ter recuperado rapidamente em 2008/9 foi fruto disso. E agora, infelizmente, o mundo voltou ao mesmo. E agora é potencialmente pior. Tem a ver com a UE...

Já tem a ver com o euro.

Exactamente. Não sabemos o que vai acontecer com a Grécia e com o euro. Só podemos esperar o melhor e fazer o melhor que pudermos. É quase como uma situação de reféns. Esperar, esperar e esperar. Talvez um dia se abra o jornal e demos com as más notícias. Mas eu sou um optimista.

Há razões para isso?

A razão é histórica. Porque, antes, já passámos por outras crises e saímos delas. As pessoas vão precisar de carros, casas, estradas e escolas no próximo ano. Se conseguirmos gerir a crise financeira e regressar a alguns princípios económicos básicos, teremos de produzir o que consumirmos. E acho que é

estratégico que o consigamos. O problema é que enfrentamos uma nova situação, com o euro e com as instituições que podem ou não apoiá-lo adequadamente, o que é difícil de prever.

O fim do euro?

É fundamental que o euro prevaleça. Não quer dizer que todos os países estejam nele, nos próximos anos. Não estou tão certo quanto à Grécia.

E Portugal?

O interessante é que eu acho que Portugal está muito bem. Digo-o porque, quando leio os jornais ingleses – vivo em Londres agora –, não falam de Portugal.

Ainda não.

Mas isso são, para já, boas notícias. E referem que Portugal e a Irlanda estão a fazer o que deve ser feito. O problema é que não se pode gastar mais do que se tem, mas, por outro lado, poder-se-á crescer, caso se continue a poupar, poupar, poupar? É uma boa questão. Como se regressa ao crescimento económico outra vez? Não tenho a certeza se a solução passa pelo BCE, mas ter-se-á de encontrar alguma coisa, em termos de taxas de juro, etc. Não sei se é a melhor saída, mas não é improvável que seja a solução.

PUBLICIDADE

Linhas Telefónicas com Serviços Avançados via Internet

AUMENTE A PRODUTIVIDADE E CORTE NOS CUSTOS

Telemóveis e Telefones fazem chamadas Grátis para redes móveis e fixas.



Linhas Telefónicas
Multicanal de
Múltiplo Operador
3B+D

Serviços Avançados e eliminação de custos.
Alta tecnologia ao serviço das Empresas.

Com 3 Canais (3B) de comunicação simultâneos numa única linha digital, é possível atender uma segunda chamada e ligar para uma terceira parte para, por exemplo, receber informação sobre as comunicações em curso.

Tudo isto mantendo a privacidade em cada comunicação e ainda pelo canal D (sinalização) ser informado no visor de possíveis novos contactos.

A tecnologia digital Tricanal de Múltiplo Operador, ainda oferece comunicações gratuitas para as redes fixas e móveis, nacionais e internacionais.



Controlo de várias comunicações simultâneas numa linha (3B+D) e chamadas grátis feitas por telemóveis e telefones fixos para as redes fixas e móveis de Portugal e do Mundo!

Sr. Empresário, instale linhas telefónicas Multicanal com tecnologia de Múltiplo Operador. É fundamental para a sua Empresa.

Ligue já:

808 20.62.62